



Silenciamento(s) da Revolução Haitiana

Alicia Bastos¹

Quem de nós, latinoamericanos, nunca ouviu falar da Revolução Francesa enquanto um grande processo na história? Não precisa estar atuando na área: nós ouvimos isso na escola sempre. Trata-se, mesmo, de um acontecimento marcante no viés da história global, no entanto, não pode ser isolado e tido como modelo único para o termo de Revolução. Na verdade, a história não segue modelos, exatamente. Porque ela é dinâmica, assim como as pessoas. No entanto, é interessante colocar sob perspectiva que, em contrapartida, pouco é falado por aqui a respeito da Revolução Haitiana, que, inaugurou um feito inimaginável no território colonial francês: a abolição da escravidão juntamente com o processo de independência. Historicamente falando, no período em que se desenrolou - séculos XVIII e XIX, o chamado “haitianismo” sofreu um silenciamento proposital no território das colônias, porque não é segredo para ninguém, hoje, que esses espaços possuíram - e ainda possuem - muitas semelhanças dentro de sua diversidade. Como têm destacado a historiografia recente e os movimentos sociais que se debruçaram sobre esse tema. E neste momento, uma dessas semelhanças principais é justamente a concentração da população negra, que era trazida para a América como povo escravizado, a fim de satisfazer interesses econômicos dos europeus, que iniciaram uma exploração da terra e das pessoas - nativas ou não -, que consideravam inferiores. Dessa maneira, uma Revolução iniciada pelas camadas mais populares da sociedade instaurou uma sensação extrema de medo entre a minoria branca e dominadora dessas localidades. E, quando não ocultavam o acontecimento em seu discurso - ou seja, evitando falar sobre o assunto -, alardeavam que isso era um grande perigo, principalmente por conta do racismo e do medo das elites de serem tratados com tamanha violência - embora reproduzissem isso de maneira deliberada. Uma vez, Malcolm X disse: não confunda a reação do oprimido com a violência do opressor. Historicamente, a maioria das grandes revoluções do período moderno se pautam em violência. Mas por que a violência do negro oprimido choca tanto? Para pensar sobre isso,

¹ Graduanda em História pela UERJ e Bolsista de Extensão do LPPE



atualmente, é necessário ir além do ponto de vista dos senhores do século XIX, porque eles tinham motivos para temer algo do tipo, considerando a forma que constituíram suas relações.

A América Latina continua sendo um espaço de conflitos envolvendo a questão racial e isso não é novidade. Mas entre as trincheiras, é necessário romper com certas tradições. Não vivemos mais no mundo colonial, no entanto, enxergar a nossa própria história e reconhecer o passado é fundamental. Hoje, existem vários pesquisadores - inclusive os brasileiros - que se dedicam a falar sobre a Revolução do Haiti e suas contribuições na história da América Latina: a sua relação com movimentos de revolta, como a Conjuração Baiana no Brasil, os processos de independência que vieram após ele, e também a sua relação com a questão abolicionista, inclusive, sua interferência sobre a proibição inglesa do tráfico de escravos dois anos após a sua promulgação de independência.

É importante pensarmos mais sobre nós mesmos, não para criarmos um modelo único, mas para dimensionarmos e compreendermos a nossa diversidade, assim como as nossas semelhanças. A Revolução Haitiana é algo inédito e complexo, mas não costumamos dar atenção a ela, embora tenhamos muito mais aproximações geográficas e culturais com a antiga São Domingos, justamente por conta dessa visão enviesada pelo racismo. Deixemos de usar essa lupa que deturpa as nossas formas, e define a maneira estereotipada através da qual a maioria vê o Haiti hoje em dia, por exemplo, simplesmente como um país pobre e miserável. Sem analisar a sua historicidade e sem buscar compreendê-lo em sua complexidade. A “estereotipização”, poderíamos dizer, é um silenciamento do presente, porque apaga toda a história de um povo, tentando enquadrá-lo em modelos, de forma que, quando este povo não corresponde a essas categorias imaginadas, simplesmente não é interessante falar disso. Mas, será que não é importante? Tem uma frase antiga muito importante, normalmente atribuída a Sócrates, ela diz: Conhece-te a ti mesmo. Falar/pesquisar sobre a Revolução do Haiti ou qualquer outro acontecimento envolvendo a América Latina, para nós, é a perfeita execução desse exercício. Principalmente para que não perpetuemos silenciamentos da nossa própria história.

Referências bibliográficas:

MOREL, Marco. **A Revolução do Haiti e o Brasil Escravista: o que Não Deve ser Dito**. São Paulo: Paco Editorial, 2017

Exemplo de como citar: BASTOS, Alícia. **Silenciamento(s) da Revolução Haitiana.** 2022.
Disponível em: <https://www.lppe.uerj.br/interativo>. Acesso em: 21 jan. 2023.